

**“NÓS QUEREMOS DESENHAR!”:**  
**possibilidades de participação e produção de dados**  
**em uma pesquisa com crianças moçambicanas**

**“WE WANT TO DRAW!”:**  
***possibilities for participation and production***  
***of data in a research with Mozambican children***

---

Marina Di Napoli Pastore\*

**Resumo**

Numa das comunidades ao sul de Moçambique, num lugar caracterizado principalmente pelas faltas de acesso e violação de direitos, as crianças assumem o protagonismo e a participação social a partir de suas criações artísticas, sendo o foco deste artigo. O desenho, compreendido como ferramenta metodológica e de ação das crianças, ocupa um lugar significativo e de entendimento da vida social, em coletivo, permitindo que as crianças abordem questões sobre seu dia a dia de maneira reflexiva, permeando os mundos em que as crianças se inserem. A partir de um trabalho etnográfico entre os anos de 2017 e 2018 na comunidade de Mabotine, Maputo, Moçambique, este artigo apresenta alguns dos desenhos feitos pelas crianças, em momentos da pesquisa, e sua relação com as percepções socioculturais, políticas e históricas, em reflexões e compreensões próprias e partilhadas.

**Palavras-chave:** Crianças moçambicanas. Desenho. Etnografia. Participação social.

**Abstract**

One of the communities in southern Mozambique, in a place characterized mainly by lack of access and violation of rights, children assume the leading role and social participation from their artistic creations, being the focus of this article. The drawn, understood as a methodological and action tool of children, occupies a significant place and understanding of social life, collectively, allowing children to address questions about their day-to-day in a reflexive way, permeating the worlds in which the children are in. From an ethnographic research between the years 2017 and 2018 in the community of Mabotine, Maputo, Mozambique, this article presents some of the drawings made by children, at times of research, and their relationship with sociocultural, political and historical perceptions, in reflections and understandings of their own and shared.

**Keywords:** Mozambican children. Drawn. Ethnography. Social participation.

**Introdução**

Este artigo é fruto de um trabalho de pesquisa a partir dos estudos das infâncias e suas contribuições teóricas, com campo etnográfico realizado ao longo dos anos de 2017 e 2018 em uma comunidade localizada na periferia de Maputo, em Moçambique. O foco da discussão é o desenho narrativo (BERTASI, 2019), em que há uma compreensão no “processo de produção gráfica da criança, na qual a intenção de pensamento e a sequencialidade presente em seu desenho são compartilhadas pela mesma a partir da narração oral” (BERTASI, 2019, p. 8).

---

\* Docente no Instituto Superior de Ciências de Saúde (ISCISA), Maputo (Moçambique). Terapeuta ocupacional, mestre e doutora em Terapia Ocupacional pelo PPGTO da UFSCar. Pós-doutora em Antropologia pelo PPGA da UFPB. Pesquisadora no grupo CRIAS-UFPB e no Núcleo Amanar (Casa das Áfricas). E-mail: marinan.pastore@gmail.com

A partir dos estudos das infâncias, enquanto campo teórico, este artigo encontra os estudos da performance para compreender as produções e ações criativas de crianças contadas em histórias narradas e desenhadas, em percepções e realidades distintas, em que as crianças assumem o protagonismo na construção dos dados, que são elaborações compartilhadas e coletivas.

Durante o período de 2017 e 2018, em atividades voltadas às noções de cidadania e direitos, realizadas num projeto comunitário em Mabotine, as crianças desenharam suas percepções sobre os temas propostos, possibilitando outras formas de gerar conhecimentos e abordar formas de compreensão de realidades particulares e partilhadas, em que a violência era ora definida pelo Estado, na invisibilização dos lugares e de políticas de acesso, ora pelas vivências experienciadas pelas crianças.

A premissa deste artigo é dialogar e produzir um conhecimento construído em coautoria com as crianças, sobre suas vivências e percepções sobre os temas desenvolvidos para além dos modelos deficitários de infância em África, nomeadamente Moçambique (marcados pelas teorias e conceptualizações do norte), que dialogam com classes sociais e econômicas, geográficas, agência, gênero e potencialidades das crianças, bem como tornar visíveis as crianças, seus modos de vida e suas produções, que são invisibilizados, escondidos, desconhecidos ou simplesmente não existentes (nesses estudos hegemônicos).

A criança em sua ação criativa brinca e constrói performatividades (MACHADO, 2010). As histórias contadas, desenhadas, decorrem de percepção do mundo e, com frequência, são vivenciadas como poéticas em presentificações performáticas: “quem representa uma história a toma para si, faz da história do outro a sua, acrescentando elementos e apropriando-se de questões que não participam no dia a dia daquela realidade (LAGE, 2018). Representar é ato de poder, hierárquico, em que sempre há um subalterno” (PASTORE, 2020, p. 16). Pensar as histórias e as construções pelos desenhos das crianças, a partir de temáticas específicas, é abrir o diálogo para outras vozes e expressões, em que as histórias contadas são marcadas por contextos, vivências e modos expressivos de ações que colocam as crianças no protagonismo e na participação não apenas dos dados, mas da vida.

Quando as crianças criam ações e formas de fazer, a partir daquilo que elas conhecem ou se tornam conhecidas pelas experiências vivenciadas, elas exercem sua participação, desejos e cidadania enquanto sujeitos sociais e criam formas de partilhar suas vozes, pontos de vista e da vida social e coletiva, não apenas pelo diálogo, mas também pelos ritmos, passos, gestos; quando as crianças criam dinâmicas e levam o pesquisador aos espaços em que o brincar ocorre ou pode ocorrer, elas não apenas integram os estudos, mas se tornam participantes ativos e ativamente criativos de suas próprias narrativas, integrando e construindo dados, teorias e formas de se pensar e conduzir a pesquisa que estejam alinhadas com seus modos de vida (MYERS, 2010).

Bertasi (2019, p. 18) afirma que

Toda criança, desde muito pequena, vai deixando marcas no decorrer de suas vivências artísticas. Para algumas pessoas que não percebem sua importância, elas são apenas traçados sem sentido. Contudo, cada marca vivenciada pelas crianças é permeada de pensamentos e torna-se repertório para uma próxima experiência, e estas para uma próxima e, assim, sucessivamente. Ou seja, a cada nova experiência, as já vividas apoiam as atuais, como um ciclo sem fim.

Dialogando com Bertasi, este artigo busca a produção das crianças a partir e através das experiências compartilhadas, em que o desenho é compreendido como criação, expressão e saber infantil, em poéticas e sensibilidades que produzem pensamentos e reflexões. O desenho é aqui assumido como criação e linguagem, em processos de ação e interação.

### **Metodologia e contexto da pesquisa**

A pesquisa de campo, ancorada pela etnografia, foi realizada no bairro de Luís Cabral, periferia da cidade de Maputo, capital do país moçambicano. Enquanto pesquisadora e integrante do grupo de colaboradores do projeto desde 2014, a minha relação com a comunidade sempre foi de proximidade e encontro, numa tentativa de conhecer a realidade contextualizada e produzir formas de estar que sejam ancoradas com a experiência.

A ideia de produzir desenhos partiu das crianças, quando questionadas, já em 2014, o que gostariam de fazer enquanto atividade do projeto. Compreendendo o meu papel como terapeuta ocupacional e o meu estar ali visando à produção de projetos de vida e de cidadania, cujo foco era a participação das crianças em suas vidas cotidianas, conversamos sobre temáticas propostas dentro do planejamento anual e, assim, delimitamos o que abordaríamos. Em decorrência dos casos de violência ocorridos na comunidade, a ideia era trabalhar a percepção das crianças sobre elas mesmas e sobre o bairro através daquilo que elas viam, e não o que era imposto como regra.

Dentre os temas propostos, decidimos que pensaríamos em formas de narrar, pelo desenho ou poesia (escolha das crianças), quem elas eram, como viam suas famílias e relações no espaço de casa e da comunidade, e como entendiam o espaço que habitavam. As relações sociais presentes também marcavam formas de estar e criar no local.

A autorização para o uso dos desenhos se deu por parte das crianças, num acordo em que eu, pesquisadora, ficaria com as fotos de suas produções, e elas com um caderno de desenhos produzido ao final dos encontros grupais no ano de 2018, como parte da devolutiva da pesquisa realizada.

Embora fizesse parte de um trabalho maior, que também foi um dos campos do doutorado, esta pesquisa se fez de forma pontual e em colaboração com os integrantes do

projeto. Para além de dados produzidos, é importante frisar o papel social desta pesquisa e do trabalho desenvolvido na comunidade em questão, que acontece para além da minha presença no grupo, e é um dos poucos movimentos em prol das crianças e seus direitos ali. O projeto foi pensado na e com a comunidade, em relações com o chefe da comunidade e associação de pais, buscando a participação das crianças também nas formas como o projeto vai decorrendo, ao longo dos anos, numa busca de exercício de direitos das e cidadania pelas crianças.

### **“A história do meu bairro por aquilo que desenho”: caminhos da pesquisa**

A comunidade de Mabotine, localizada em Maputo e mais conhecida como “Drenagem”, é um lugar pouco conhecido pela maior parte dos moçambicanos e residentes da capital moçambicana. A região situa-se próxima ao mar e é uma zona de manguezal, que era, inicialmente, um acampamento de pescadores. Nos anos 2000, a comunidade sofreu um processo de remoção de habitantes por conta de cheias que assolaram o território, mas que foram retomando o lugar aos poucos, anos depois, sendo também um lugar de permanência para pessoas vindas por migração de diversas áreas do país, desde a época da guerra civil (1976-1992) até os dias atuais.

Geograficamente, está localizada numa via de acesso à principal estrada da capital, que liga Moçambique à África do Sul, e antes do pedágio que liga Maputo à Matola. Suas habitações são dispostas de forma irregular, com inúmeras faltas, dentre as quais estão o saneamento básico, a luz e a água encanada. Dentre as pessoas que lá habitam, encontram-se milhares de crianças que, de certa forma, acabam por ser invisibilizadas perante as políticas de acesso (TELES; MUIANGA; BRÁS, 2011; TELES; NIPASSA, 2011).

Na comunidade existe um projeto desde 2013, em parceria com a Universidade Eduardo Mondlane, intitulado “Munthi Wa SwiVanana” que, em português, significa “Casa da Criança”. Com a presença de 120 crianças matriculadas, o espaço fornece reforço escolar, aulas de idiomas, de dança, canto, entre outros. Durante a pesquisa de campo ao longo dos anos de 2017 e 2018, um dos trabalhos desenvolvidos com as crianças, numa reconstrução de suas vivências, teve como foco principal a utilização de desenhos, a pedido das crianças, como forma expressiva de lidar com determinadas situações, como as questões de violência e suas relações com o bairro. A etnografia permitiu buscar “o brincar e a construção dos saberes como um dos meios de perpetuação e produção cultural, da qual a criança não é apenas agente ativo, mas sujeito social, consciente e que cria, no brincar e na brincadeira, formas de estar, transformar, transcrever e traduzir o meio ao qual habitam” (PASTORE, 2020, p. 141).

Buscar as crianças e seus protagonismos implica conhecer as diversas infâncias e possibilidades de ser criança a partir de múltiplas faces, vozes e ações. Compreender as atividades significativas das crianças a partir dos seus espaços de pertencimento era um desafio pois, mesmo as crianças constituindo a maioria da população moçambicana, estudos e pesquisas que vão ao encontro delas e de suas potências e vivacidades ainda são raros.

Em lugares em que a oralidade possui um referencial importante, outras formas de se obter e produzir os dados é também um desafio. Foi durante um diálogo sobre a concepção do bairro e da comunidade que as crianças foram mapeando o local como um lugar de pertencimento, reconhecimento e produção de vidas.

Durante um momento de conversa com as crianças sobre o bairro surgiu a indagação sobre o nome Mabotine. Embora sem conhecimentos aprofundados sobre tal nomeação, algumas narrativas foram produzidas, ora narradas, ora desenhadas, sobre as definições daquele lugar. Uma delas é trazida abaixo:

Mabotine significa barco. Não, significa rio. Pode ser barco no rio. Já viste o rio ali atrás, né. Tem muitos peixes. Muita gente vem aqui pegar peixes. É daí o nome Mabotine. Mas nem podemos nadar nesse rio, dizem que é sujo. Mas nadamos, quando ninguém vê... Já podemos desenhar né? Vou desenhar Mabotine, hás de poder mostrar... (CADERNO DE CAMPO 2, 2017).

As conversas e trocas foram produzindo, ao longo do tempo, percepções múltiplas e polifônicas, fazendo surgir a necessidade de colocar de outras formas o que o verbal não dava conta de narrar. Foi quando as crianças sugeriram que pudessem “falar pelos desenhos” e mostrar aspectos de suas vivências no bairro e de suas relações por meio de suas criações.

Ao assumir as crianças como produtoras de cultura e colaboradoras ativas no processo artístico-cultural, considerei a dinâmica dialógica e assumi o compromisso, junto a elas, de pensar os desenhos e as temáticas que envolviam suas relações com as famílias, com a comunidade e com o bairro, através do desenho. Desse modo, a relação, que se estabeleceu no estudo, buscou a horizontalidade de poder, ancorada na teoria da dialogia. A construção de conhecimento, dentro de relações horizontais entre as pessoas nele implicadas (FREIRE, 1987), favorece ambiente para proposições fundamentais advindas de inquietações do “existir-no-mundo”, “fazendo a história com a criança” (FREIRE, 1989, p. 13).

Pensar tais questões com as crianças, em um processo democrático e coparticipativo, levou à junção de pequenos grupos, com cerca de 35 crianças cada, durante um período de 4 meses nos anos de 2017 e 2018. Com 35 crianças, as temáticas envolvidas foram “quem eu sou”; “qual meu sonho”; “minha família”; “meu bairro”; “meu dia a dia”; “violência”; “tema livre”. O estudo juntou cerca de 90 desenhos ao longo desses anos, dos quais cinco são trazidos para a discussão.

**“É agora que desenhamos?": a expressão das crianças no correr do lápis**

Figura 1: Vista sobre Maputo – aeroporto



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Desenho de Boaventura. 2018

Num dos primeiros encontros destinados à produção dos desenhos, o tema levantado foi sobre a concepção das crianças sobre o bairro. Boaventura (12 anos) trouxe, em seu desenho, uma visão sobre Mabotine a partir do macro: sua situação e localização nos arredores do lugar, os acessos e serviços que existem ali. Para Boaventura, “não tem como falar só de Mabotine, sabes. Se vivemos todos em Maputo. Sabes que o aeroporto é cá perto? Será que as pessoas nos veem como vemos os aviões? Devem nos ver bem miúdos!”

Machado (2010), ao dialogar com Merleau-Ponty, afirma que as crianças “possuem uma imensa capacidade de aderência às coisas”, utilizando-se do “dom da imaginação” para envolver os presentes e participantes da cena, agregando suspense, curiosidade, exercício de paciência e imaginativo ao processo em construção, tornando vívido o “exercício dos modos de ser e estar da criança”, em que o jogo e as relações estão presentes, numa situação de “liberdade para a criação” (GARROCHO, 2008 apud MACHADO, 2010, p. 121).

O desenho de Boaventura, seguido do diálogo com o grupo de crianças, levanta algumas questões: quais são as percepções que as crianças têm sobre o que está ao seu redor? Seriam as crianças partes separadas do meio no qual vivem ou contempladores e coabitantes das estruturas com as quais interagem? Cohn (2005, p. 14) afirma que “a experiência da criança e do ser criança é cultural e só pode ser apreendida em contexto”.

O desenho de Boaventura nos faz pensar nisso: quais são os traços particulares e coletivos que permeiam os seus mundos, mesmo que negados pelo Estado ou por quem faz as políticas? Do mesmo modo que as crianças veem os aviões, as chegadas e partidas, as pessoas que estão nessas passagens também veem, ou querem ver, as crianças? O que esse ir e vir traz para as crianças e como afeta seus cotidianos?

Ao compreendermos que “as imagens gráficas das crianças são pensamentos coloridos” (STACCIOLI, 2018, p. 72), e que, como afirma Bertasi (2019, p. 19) “podem ser imprevisíveis, se misturar e apresentar soluções inovadoras”. Boaventura e algumas outras crianças soltavam a imaginação e diziam “se aprendemos que, na escola, os desenhos contavam histórias de povos passados, esses vão contar a nossa. É assim que seremos vistos”. Através dos desenhos, as crianças foram não apenas mostrando seus posicionamentos quanto ao lugar em que viviam, mas trouxeram, nas narrativas, as formas como queriam virar história.

Gobbi (2014, p. 152) defende que “desenhar pode prover a existência, a descoberta e a invenção de mundos. Enseja modos e maneiras de ver, apropriar-se e elaborar coisas”. Por isso, quando a criança desenha não experimenta apenas “o ato de desenhar em si, como também a experiência de ver. Desenhar é, de certa forma, ver. Materializar o que é visto com todos os sentidos e a partir das relações com o outro” (GOBBI, 2014, p. 152). Em Mabotine, as crianças experienciavam pensamentos em traços distintos.

Para Bertasi (2019, p. 28), ao dialogar com Staccioli (2011), é no desenho da criança que as representações possíveis são imprevisíveis, “podendo ser misturadas, entrelaçadas, criativas, banais, mostrando assim, a elaboração complexa da criação, que vai além de esquemas e modelos adquiridos, permitindo um mergulho na mente de quem desenha”

Figura 2 – “Mabotine é assim!”



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Desenho de Sidolfe. 2017

Sidolfé, também com 12 anos, tinha uma visão mais de dentro de Mabotine. Seu desenho mostra as casas, os caminhos, as cores e as vivências de quem, de dentro, participa do dia a dia cotidiano e corriqueiro dali. Sidolfé retrata uma Mabotine quase fiel aquilo que os olhos veem: casas de caniço (palhotas), ruas que perpassam as casas, uma estrada que corre do lado de fora. Mas seu desenho tem algo mais vívido: as árvores e o verde em uma quantidade abundante. Ao perceber que o desenho era olhado com indagação, logo disse “não seria mais bonito se tivesse mais verde aqui? Sabe, desenho só fica bonito com cor. Devíamos colorir. Veriam mais cá se fosse assim” (CADERNO DE CAMPO 2, 2017).

A fala do Sidolfé refaz uma linha de raciocínio que não obedece ao sistema do lógico ou cronológico, mas do momento em que as coisas acontecem, e no qual o desenho, como forma de expressão artística, cria modos de dizer sobre os espaços de jeitos outros. Estudar a infância significa estar conectado à realidade local, conhecer e reconhecer os valores e culturas existentes, que delineiam os modos como a criança é vista e percebida (PASTORE, 2020)

Segundo Angela Nunes (1999, 2003), a infância constrói seus sentidos a partir de olhares e interpretações de indivíduos sociais e culturalmente localizados, sendo, de tal modo, um fenômeno plural e relacional. Estudar uma sociedade sem levar em conta as categorias sociais e geracionais é invisibilizar modos de criação e percepção que as crianças, com estes desenhos, nos apontam outras direções. Deste modo, há, a meu ver, um entendimento (embora não anunciado) da criança e do seu papel a partir de relações micro e macrossociais e das estruturas que a cercam, cujas visualizações são permitidas pelos desenhos.

O esforço da reflexão aqui é o de compreender e discutir como as questões no sistema micro e macrossociais acabam também por interagir com os mundos das crianças e com suas percepções, numa compreensão de infância em que as crianças não são vítimas ou vilãs, mas participantes; e como estes olhares outros, traduzidos em formas de desenho, acabam por trazer as crianças como protagonistas de suas histórias e com possibilidades de agir no mundo ao qual pertencem, partilham, transformam e são transformadas.

Pensar em como as crianças, nas relações que estabelecem entre si e nas formas de ação social que constroem nos espaços-tempos, constituem suas culturas e são também por elas constituídas (BORBA, 2007); atores sociais não por interpretarem um papel que não criaram, mas por criarem diversos papéis e modos de ser e fazer enquanto vivem em sociedade (COHN, 2005).

Os desenhos anteriores possuem suas confluências e pluralidades, partilhando de um sentimento comum da invisibilidade e do que gostariam que fosse. Ao compreender as crianças como produtoras de culturas e interferindo diretamente no seu modo de estar no mundo, os desenhos nos fazem visualizar outros modos de dizer e de interpretar os desejos e sentimentos não verbalizados.



Figura 3 – “Mabotine é uma mistura de cores. Só falta pintar”



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.  
Desenho de Marília, Hélia e Sinoca. 2018

“Mabotine é alegria. Olha lá, já viu como brincamos aqui? Usamos muitas cores, sabe por quê? Porque é assim que vemos. Mabotine tem cor, mas só para quem vê. Aqui é lugar de viver. Vivemos aqui. Gostamos daqui. Podemos ler uma história agora?” (CADERNO DE CAMPO 3, 2018).

Cohn (2005, p. 19) nos faz refletir que “(...) não são os valores ou as crenças que são os dados culturais, mas aquilo que os conforma. E o que os conforma é uma lógica particular, um sistema simbólico acionado pelos atores sociais a cada momento para dar sentido a suas experiências”. Ao nos depararmos com vivências e experiências outras, passamos a entender que é necessário encarar a vida das crianças em sua realidade complexa, com potências e críticas.

Há, nesse movimento das crianças, uma noção sobre o micro e o macrossocial no qual habitam, permeiam e com o qual conseguem intervir, ou ao menos nos fazer pensar: que realidade são essas que caminham numa direção contrária daquilo que a mídia, imprensa, políticas e programas sociais têm colocado sobre a não existência de uma infância ou de lugares outros para as crianças, por não estarem dentro de um estereótipo imposto sobre o que é ser criança ali (IMOH, 2016).

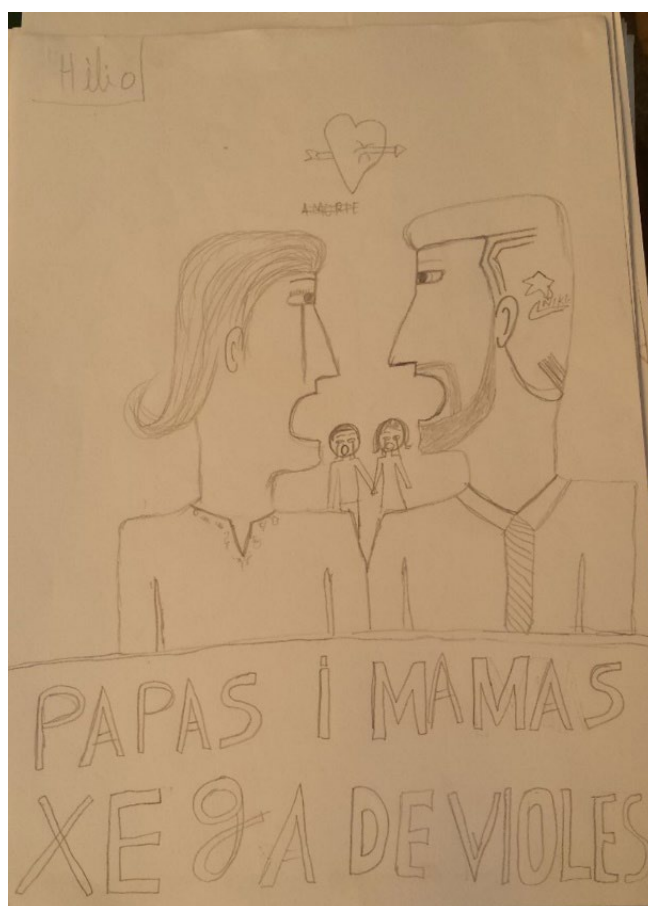
Atentar-se a um processo interativo das crianças com os desenhos e suas criações, com os materiais disponíveis e com o que há ao redor permite-nos conhecer, ou estar disposto a, as formas como as crianças colocam o pensamento e as suas histórias, das quais elas são protagonistas. Estar atento a esse processo de interação das crianças com os desenhos, com os materiais e com os pares, permite conhecer como as crianças colocam em forma o pensamento e as histórias que surgem a partir dessa materialização do invisível (CAPPELLETTI, 2009; BERTASI, 2019).

Ao entendermos que as crianças não só habitam as sociedades e comunidades, mas também interagem e interferem nelas como tal, desenvolvem processos de adaptação, apropriação, reinvenção e reprodução realizadas por elas próprias, conseguimos dar outros rumos àquilo que é tido como universal.

Cunha e Gonçalves (2015) discutem o quanto a criança e o brincar, podendo ser entendido aqui como o desenhar e as demais formas de expressão, representam essa origem a da possibilidade de fazer acontecer. Para os autores, “não obstante, o pequeno ser e os gestos lúdicos também têm a capacidade de fazer acontecer a heterogeneidade, a multiplicidade, a complexidade, a mobilidade, o caminho” (CUNHA; GONÇALVEZ, 2015, p. 12).

Apresentar a criança ao mundo em pequenas doses dando valor positivo aos atos performativos, e construir coexistências de culturas e sua difusão, propicia situações potencialmente criativas, além da compreensão da infância como relacionada “ao novo e um campo fértil para o surgimento de antiestruturas, no sentido sociológico do termo” (MACHADO, 2010, p. 164).

Figura 4 - Chega de violência!



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Desenho de Hélio. 2017

Ao pensar a heterogeneidade das crianças e os modos como assumem a vida, as experiências e suas representações, há também interpretações sobre seus locais que vão ao encontro das visões sobre a falta da infraestrutura, dos não lugares e também das suas relações com a violência e seus mundos. Creditar novos olhares para as produções e participação das crianças não é negar as estruturas sociais existentes, mas permitir novos olhares sobre problemas estruturais que, muitas vezes, acabam por definir as crianças em não lugares.

O desenho intitulado “basta de violência” surge na vivência de grupo em que as crianças deveriam retratar suas famílias. Não apenas Hélio trouxe a violência doméstica, como outras crianças também. Ana, de 8 anos, durante a conversa em roda, disse que “toda família se briga, bate, se xinga. Ih, como magoa”. Os cenários de violência, que até então não haviam aparecido de forma tão direta, começaram a surgir naquele instante.

Ao assumir as crianças como parceiras e criadoras de dados, conhecimentos, cenários e tantas outras potências e potencialidades, passamos a assumi-las como atores sociais plenos e, portanto, competentes para a formulação de interpretações sobre seus mundos e modos de vida, e como reveladores das realidades sociais nas quais se inserem. As formas como as violências são vivenciadas acabam por ser expressas nos desenhos e isso nos aciona um alerta sobre o que olhar e como dialogar sobre essas questões com as crianças. Esse desenho foi disparador de rodas de conversa, não apenas com as crianças, mas com os familiares, ampliando o trabalho do projeto para as famílias.

Segundo Soares, Sarmiento e Tomás (2005, p. 54), reconhecer a criança como “sujeito de conhecimento, e não de simples objeto, instituindo formas colaborativas de construção do conhecimento nas ciências sociais que se articulam com modos de produção do saber empenhados na transformação social e na extensão dos direitos sociais”, permite a produção de espaços criativos e de possibilidade reflexiva, em que se tem as culturas infantis como principal ponto de partida e chegada para o entendimento das crianças e infâncias, de suas produções de cultura e saberes próprios, partilhados pelos contextos que as cercam.

Canevacci (2013, p. 76) afirma que, quando um determinado contexto de pesquisa “exprime uma multiplicidade de mensagens e de fontes, se deve desenvolver um método adequado, isto é, que multiplique os pontos de vista, de observação, levantamento e transcrição do objeto”. Pactuando com essa ideia, Barros e Mariano (2019) defendem que “a construção da reflexão pela construção de narrativas fílmicas, fotográfica ou desenhada permite a composição e a justaposição, também, na escrita, pluraliza o texto e amplia os campos de aproximações entre etnografias realizadas em temporalidades e espacialidades distintas” (BARROS; MARIANO, 2019, p. 3). Foi através dessa metodologia que buscamos não apenas compreender a produção das crianças, mas os meios de solucionar questões silenciadas.

Mabotine é um lugar áspero e de violências diárias: falta saneamento básico, escolas, atendimento médico, social; faltam acessos. Mas, poder refazer e recriar aquele espaço, a partir dos desenhos, era dar nova vida também ao lugar em que as crianças vivem, ressignificando, a

partir da experiência singular e coletiva de cada uma das crianças, trazendo para a pesquisa a voz, os olhares, as mãos, as ideias, as noções de geografia e história, do espaço, da vida.

Quando as crianças desenham e ousam pintar com cores fortes é como se elas fizessem um protesto ao cinza que se tem ali. Ou melhor: ao não colorido que permeia suas casas. Azia (13 anos) disse que “pintar é como poema: pensamos em mudar as coisas, reconstruir a elas, pelo traço do lápis”. E se reconstruir for também revolucionar? Poderíamos compreender o desenho como uma metodologia da revolução: trazer para dentro o que se quer marcar, exprimir as suas marcas e deixar a liberdade sobressair quando a realidade não é suficiente. Ferreira-Santos (2019), ao falar sobre a vida para além dos muros de concreto, disse que “a gente passa a ser muito mais revolucionário quanto menos a gente fala sobre revolução. Mas faz. Com as duas mãos... Isso é vida: quando a pessoa está criando.” (FERREIRA-SANTOS, 2019, n.p). Afirmaria, então, que as crianças fazem revoluções, cotidianas, criando.

No desenho de Hélio, e de outras crianças, há denúncias importantes sobre as questões sociais e as diversas faltas e violências que vivenciam, e os modos como elas ressignificam tais assuntos. Há violências e silenciamentos estruturais que permitem a reprodução de outras violências, e quando as crianças denunciam essas experiências é preciso rever todo um sistema que lida com as crianças e com maneiras de reforçar esse silenciamento ou criar estratégias para agir a partir daquilo que as crianças nos contam e, literalmente, desenham.

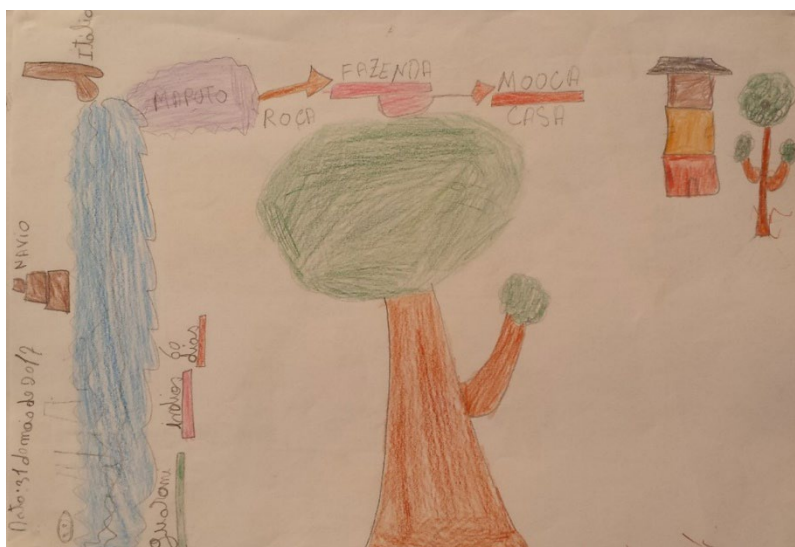
Em Moçambique, com a coexistência de identidades e etnias de diversas matrizes, com intensificação das questões da diferença e dos meios em que as crianças vivem (áreas urbanas, periferias, periurbanas, rurais, norte, sul, centro etc.) e das desigualdades, há a exigência de novas formas de se trabalhar, discutir e criar teorias crítico-reflexivas sobre as infâncias e seus lugares. Precisamos reforçar estudos e pesquisas feitos com e para as crianças moçambicanas, em diálogos e dialogia, horizontalidade e presença de outras vozes e olhares na produção de dados.

É preciso conhecer como vivem as crianças, onde moram, como constroem as relações entre pares, como são construídas as relações familiares, as condições de moradia, os meios de subsistência e de sobrevivência, as estratégias familiares e comunitárias. Do mesmo modo, precisamos de atenção às representações de gênero e gerações. Necessitamos de uma concepção teórica, metodológica e de prática que entenda as crianças como atores sociais, que produzem culturas e que mantêm a inter-relação entre crianças-famílias-grupos-contexto. É preciso olhar para as culturas e produções das crianças e das infâncias para, então, começar a pensar nelas enquanto sujeitos de direitos.

A noção de “protagonismo infantil” é iniciada neste debate a partir do entendimento das crianças enquanto produtoras de cultura, com agência na sociedade, numa relação horizontal, em que os desenhos ganham vida e amplifica-se um debate em que a criança é também considerada autora de sua própria vida, com suas produções concretas e poéticas, permeadas pelo ato e ação de desenhar (HARTMANN; ARAÚJO, 2020).

As vivências e realidades das crianças em determinado contexto, assim como a própria infância e modos de operar, é plural. Podemos assumir as crianças também a partir da arte cotidiana que elas produzem que, para além de expressar, faz parte da formação enquanto pessoa, podemos entender que, então, “talvez, antes de sermos pessoas, somos artistas. Porque uma pessoa só existe verdadeiramente quando transforma algo (...). A criança, ao brincar, transforma. A cria, ao brincar, é artista. A criança, ao brincar, faz arte... vida” (CUNHA; GONÇALVES, 2015, p. 13). Conforme fui vivenciando os mais diversos modos de ser e estar, fui compreendendo a noção de um real partilhado, numa realidade também imaginária, e o modo como os fazeres das crianças me levavam, e têm me levado, a buscar a infância enquanto trocas culturais, numa expressividade do ser criança através do lúdico. O desenho de Virgínia, último trazido nestas reflexões, remete a essas questões.

Figura 5 – “Viemos do mesmo lugar, só caímos em rios diferentes”



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Desenho de Virgínia. 2018

Ao serem indagadas pelo tema “de onde minha família vem”, as crianças ficaram confusas. Expliquei a elas, então, como a minha família chegou ao bairro ao qual habito, em São Paulo (bairro da Mooca, de origem italiana, localizado na zona centro-leste da cidade): os meus avós maternos saíram da cidade que habitavam no sul da Itália, navegaram por 2 meses nos mares e, então, chegaram em São Paulo, estabelecendo-se no bairro da Mooca. Após ouvirem a história, as crianças foram desenhar suas histórias. Dentre os desenhos, Virgínia me apresentou este acima. Eu ri e disse “sua família também saiu da Itália? (representada pela bota)”, Virgínia me disse “sim. Se viemos do mesmo lugar, só caímos em rios diferentes. Podia ser da Mooca, mas acabei em Mabotine”. O desenho de Virgínia, junto a sua narrativa, nos aponta a direção de uma visão sobre o espaço em que habita, as relações com o mundo exterior e as formas como a criança, num processo de ser e agir no mundo, inventa e reinventa a si, os lugares e as relações através do movimento, da vontade, da espontaneidade, da imaginação e da criatividade.

Há uma vertente dos estudos da performance que remetem ao interesse atento “por marcas identitárias que remodulam e ressignificam sujeitos, considerando seus corpos e suas narrativas com base em diferentes papéis sociais que exercem e/ou lugares sociais que ocupam”, compreendendo, enquanto ponto central, a performance “como fronteira entre arte e vida, na qual há lugar para resistências, diferenças e críticas culturais” (GONÇALVES; GONÇALVEZ, 2018. p. 141). Ao compreendermos as histórias que as crianças contam e suas formas de expressão, pautadas, neste caso da Virgínia, pelo desenho e uma narrativa, compreende-se as crianças também como sujeitos performáticos, artistas no cotidiano da vida, envoltas pela imaginação e criação.

Bertasi (2019, p. 19), ao dialogar com Derdyk (2015), afirma que “desse modo, o mundo pode estar em todos os lugares para a criança e ela, por sua vez, pode estar em todos os lugares do mundo (DERDYK, 2015)”. Para ela, o mundo e as coisas do mundo podem ser diferentes do que conhecemos, e através de seus desenhos temos acesso a muitos desses mundos. Em seu desenho, Virgínia não apenas acessou outros mundos, como me trouxe de volta a um deles, e me fez adentrar a tantos outros.

Quando Lage (2018) assume uma perspectiva entre a forma estética e a artística, a partir da compreensão da obra enquanto ação e acontecimento, podemos olhar para as crianças como criadoras e desenhistas, em traços que denunciam e partilham experiências a partir de composições do dia a dia e das estruturas sociais que vivem, dando vida e vazão àquilo que encontram nas situações específicas de tempo e espaço, compartilhadas em visões micro e macrosociais (IMOH, 2016). Essa compreensão é igualmente a de Machado (2010, p. 117) em sua convicção de que “a criança compartilha o mesmo mundo do adulto: vê, percebe, vive o mundo em sua própria perspectiva, sim, mas nunca ensimesmada ou reclusa em um “mundo da criança”: vivemos o mesmo mundo, convivemos no mesmo mundo”.

Nessa mesma direção, Gobbi (2004, p. 19) defende que “as crianças incluem um mundo em outros mundos ao desenharem”. Ao observarmos os desenhos das crianças somos também convidados a “uma realidade que tanto nos encanta como por vezes nos deixa perplexos, ante o modo frequentemente inesperado com que o real surge transfigurado pelos traços inscritos no papel” (SARMENTO, 2011, p. 54). O olhar das crianças, em seus desenhos, nos dá acesso a diversas relações presentes e passadas, intergeracionais e ancestrais, de formas de ver e viver a vida (atual e passada).

Como discute Kramer (2002, p. 43), “tratar das populações infantis em abstrato, sem levar em conta condições de vida, é dissimular a significação social da infância”. É preciso atentar todo o tempo para a construção da concepção da criança enquanto sujeito da história e da cultura. Dentro do seu “faz de conta”, as crianças criam e produzem a partir de lógicas que podem ser não formais, ou seja, variam em termos de tempo, de espaço, em modificações, com improvisos e na criação de enredos e narrativas consideradas teatrais, performáticas, de cenas cotidianas. Há uma capacidade para a transformação que, incorporada à cultura compartilhada,

---

possibilita outras formas de ler o mundo e de imaginar lugares que busquem outros horizontes (MACHADO, 2010; CRAPANZANO, 2005).

Os referenciais que as crianças iam criando foi uma das coisas que também despertou minha curiosidade em diversos momentos. O que as crianças nos mostram quando usam de imaginação e criatividade para expressar momentos do presente e situações de violência e, em outros momentos, situações que nos fazem entrar em estado de suspensão e de reconhecimento de interdisciplinaridade também nessa criação? Quando as crianças trazem todas as racionalidades expressas no desenho e nos questionamentos de suas ações, elas abrem caminhos para pensar as formas que vão significando questões que envolvem política, economia, direitos, cidadania, história, biologia, entre outros. As crianças expressam, também no desenho, suas insatisfações e desejos, nos dão pistas e abrem possibilidades de diversos diálogos para se questionar as metodologias que temos utilizado e a participação das crianças dentro das pesquisas.

Há um dever da infância que, tempos atrás, já era questionado e que, em contexto, deve ser pensado e retomado se pretendemos pensar em pesquisas de(s)colonizadoras, adotando também perspectivas que sigam a mesma linha. Quando em 1931, Mauss já questionava o fato das crianças serem consideradas seres “primitivos”, há um direcionamento para que as áreas dos estudos das infâncias apontem para pesquisas que superem essa ideia e sua generalização, e que há outras racionalidades que não a linguagem verbal e escrita, fechadas em códigos, para entendê-las; as artes e suas diversas linguagens podem ser um caminho, como as outras linguagens e racionalidades que as crianças vem trazendo e que precisamos, enquanto pesquisadores, ser capazes não só de olhar, mas de validar (PASTORE, 2020, p. 306).

O desenho de Virgínia puxa o debate para uma temporalidade específica, partilhada, mas que, numa perspectiva ampliada, nos leva a uma compreensão histórica de mundo que, mesmo não anunciada, nos remete às disciplinas de história e geografia, e de um período em que todos vieram do mesmo lugar<sup>1</sup>, mas que, por questões tectônicas, houve separação e a designação, ao longo dos milhares de anos, do mundo em sua configuração atual. Embora não fosse algo que tenha sido levantado no momento do desenho e da explicação, há saberes que Virgínia incorpora que, misturados com sua imaginação, abrem diversas possibilidades de exploração e compreensão de mundos pelo ato de desenhar. Luciana Hartmann e Hanna Araújo (2020) agregam ao debate as noções de memória e história que, nas performances das crianças musicalizadas em ritmos e brincadeiras, produzem cultura e processos de criação artística compartilhados; ao pensarmos essas questões para o desenho, a proximidade se torna visível, e o diálogo com as demais linguagens, uma possibilidade.

Essa capacidade de transitar entre os momentos do riso, das responsabilidades, do julgamento, da crítica e do brincar é o que permite à criança o status quo de ser: feliz, alegre, brincalhona, com responsabilidades, direitos e deveres (SILVA, 2010). Nos desenhos, as

---

<sup>1</sup>Era Paleozoica

crianças denunciam momentos difíceis e anunciam tantos outros, permitindo que as vivências e experiências sejam construídas e construtoras de quem elas são, e dos modos como podem ser e agir nos mundos em que se inserem. Poder desenhar suas experiências é também uma forma de perceber e participar do mundo.

### **Considerações finais**

Ao desenharem, as crianças traçam, colorem e denunciam as estruturas sociais, hierárquicas, e que variam de acordo com as experiências e vivências de quem desenha (SILVA, 2010). Contar e narrar os fatos através do desenho é forma lúdica que as crianças foram achando de se expressarem e produzir, nas poéticas sensíveis, compreensões sobre a vida e seus cotidianos. A compreensão do ser criança – enquanto “capacidade que se mantém sempre viva no ser, e que na biografia de uma pessoa vai se tornar mais ou menos visível, dependendo da atitude da mesma frente à vida” (SILVA, 2010 p. 127) – nos desenhos e produções individuais ou em conjunto, engloba coletividades e críticas dos seus entornos, numa releitura a partir da expressão. A poética da vida, traduzida e transcrita nos cotidianos, apresenta diversas formas de apresentação. Não apenas o desenho ganha forma, mas as imaginações e reflexões ganham também dimensões de elaboração e conhecimento em realidades mobilizadas e mobilizadoras de transformações.

Ao defender que o desenho é “um pensamento visual”, Staccioli (2011, p. 29) nos leva a uma elaboração que requer escuta, olhar, presença, encontro, interpretação, precisão e imprecisão, racionalidade distinta e tantas outras abstrações. Não podemos olhar os desenhos das crianças sem que haja uma contextualização e, mais que isso, sem que elas próprias nos convidem para suas interpretações e traduções de mundos indizíveis.

Para Bertasi (2019, p 29), “é imprescindível que, ao olhar as produções das crianças, toda a complexidade de pensamento investida durante o processo de criação seja valorizada e respeitada”. Compreender o desenho como metodologia de pesquisa é também possibilitar a participação das crianças em diversas formas, saberes e fazeres dos dados e suas análises.

Ouvir o que as crianças têm a dizer, permitir vivências outras, em que o lúdico e as expressões artísticas possam fluir, num encontro com as infâncias, pluralidades, diversidades e singularidades, é permitir que o cotidiano das crianças, suas experiências e modos de experimentar e vivenciar os mundos, em seus mais diversos contextos, nos possibilite teorizar e agir no e com o entendimento delas, e com elas em relação a questões de mudanças políticas e sociais.

Uma polifonia de métodos que amplia a dialógica e torna-a, segundo Canevacci (2013, p. 77), “visível, audível para subjetividades ‘outras’: estas podem ser não-humanas, não só animais, plantas, paisagens, mas também coisas, inclusive coisas reificadas. [...]. A perspectiva polifônica descentra as subjetividades [...], não projeta as perspectivas do eu sobre o outro”. Com base nesse entendimento, podemos pensar o desenho como ferramenta metodológica, e o seu papel e lugar



nas pesquisas com crianças e estudos das infâncias possibilitam colocar em cena, ao mesmo tempo, diferentes legitimações, alteridades, diversidades e pluriversos possíveis e plausíveis, em que a criança é, em todas elas, protagonista, participante e criadora.

## Referências

- BARROS, Denise Dias.; MARIANO, Esmeralda. Experiências que tangenciam o (in)visível e a mobilidade: etnografias em diálogo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, p. 1-17, 2019.
- BERTASI, Andressa Tháís Favero. **Desenho narrativo na pré-escola: as crianças e seus pensamentos coloridos**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/201443> Acesso em: 15 out. 2022.
- BORBA, Angela Meyer. As culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos. **Momento Diálogos em Educação**, Rio Grande, v. 18, n. 1, p. 35-50, 2007. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/749/251> Acesso em: 15 out. 2022.
- CANEVACCI, Massimino. **Sincréтика**: Explorações etnográficas sobre artes contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel, 2013.
- CAPPELLETTI, Anna. **Nido d’infanzia 2: disegno e narrazione**. Trento: Erickson, 2009.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Ciências sociais. Passo a passo 57. Rio de Janeiro: Zahar, 2005
- CRAPANZANO, Vicent. Horizontes imaginativos e o aquém e além. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 363-384, 2005.
- CUNHA, António Camilo; GONÇALVES, Sara Tiago. **A criança e o brincar como obra de arte**. Analogias e sentidos. Santo Tirso, Portugal: WhiteBooks, 2015.
- DERDIK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 5. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.
- FERREIRA-SANTOS, Miguel. **Diálogos do brincar: discussão sobre o documentário “Terreiros do Brincar”**. São Paulo: Mostra Cultural Lydia Hortélio: Itaú Cultural, out. 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Paulo Freire e educadores de rua**. Uma abordagem crítica. Projeto alternativas de atendimento aos meninos de rua. Bogotá, Colômbia: UNICEF, 1989.
- GOBBI, Maria Aparecida. **Desenhos de outrora, desenhos de agora: o desenho das crianças pequenas no acervo Mário de Andrade**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- GOBBI, Maria Aparecida. Mundos na ponta do lápis: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é criação infantil. **Linhas críticas**, Brasília, v. 20, n. 41, p. 147-165, jan./abr. 2014.
- GONÇALVES, Jean Carlos; GONÇALVES, Michelle Bocchi. Teatralidade e Performance na pesquisa em Educação: do corpo e da escrita em perspectiva discursiva. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 67, p. 139-155, 2018.
- HARTMANN, Luciana; ARAÚJO, Hannah. Apresentação do Dossiê temático. Narrativas de/para crianças: imagens, memórias, histórias. **Revista da Fundarte**, Montenegro, n. 42, p. 01-07, jul./set. 2020. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>> 30 de setembro de 2020. Acesso em: 15 out. 2022.

- IMOH, Afua Twun-Danso. Children's perceptions of physical punishment in Ghana and the implications for children's rights. **Childhood**, v. 20, p. 472-486, 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0907568212471404> Acesso em: 15 out. 2022.
- KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.
- LAGE, Mariana. Performance e presentificação: sobre a forma artística/estética no instante. **Viso: Cadernos de estética aplicada**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 132-145, jan./jun. 2018.
- MACHADO, Maria Marcondes. A criança é performer. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, n. 35, v. 2, p. 115-137, maio/ago. 2010
- MYERS, Misha. 'Walk with me, talk with me': the art of conversive wayfinding. **Visual Studies**, v. 25, n. 1, p. 59-68, 2010.
- NUNES, Angela. **A sociedade das crianças A'uwe-Xavante: por uma antropologia da criança**. Lisboa: Ministério da Educação: Instituto de Inovação Educacional, 1999.
- NUNES, Angela. **"Brincando de ser criança": Contribuições da etnologia indígena brasileira à antropologia da infância**. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2003.
- PASTORE, Marina Di Napoli. **Brincar-brinquedo, criar-fazendo: entrelaçando pluriversos de infâncias e crianças desde o sul de Moçambique**. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) – Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12307> Acesso em: 15 out. 2022.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias. **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 27-60.
- SILVA, Rita de Cássia Oenning. "A criança no ser": infância, intertextualidade e Performance entre crianças artistas e seus familiares em Recife. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 34, p. 117-136, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v16n34/06.pdf>. Acesso em: 15 out. 2022.
- SOARES, Natália Fernandes; SARMENTO, Manuel Jacinto; TOMÁS, Catarina. A. Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. **Nuances: Estudos sobre Educação Unesp, Presidente Prudente**, v. 12, n. 13, p. 49-64, 2005.
- STACCIOLI, Gianfranco. As diversões visíveis das imagens infantis. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 65, p. 21-37, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v22n2/v22n2a03.pdf>. Acesso em: 15 out. 2022.
- STACCIOLI, Gianfranco. **Pensieri colorati: le bambini e i bambini raccontano com il disegno**. Italy: Edizioni Junior, 2018
- TELES, Nair; NIPASSA, Orlando. Pobreza, decifra-te! Estudo exploratório sobre o perfil sócio-económico e cultural dos moradores da comunidade de Mabotine, bairro Luís Cabral, Maputo. In: TELES, N.; MUIANGA, B; BRÁS, E. (ed.). **Mosaico Sociológico**. Maputo, Moçambique: Universidade Eduardo Mondlane: CIEDIMA, 2011.
- TELES, Nair; MUIANGA, Baltazar; BRÁS, Eugénio. **Mosaico Sociológico**. Maputo, Moçambique: Universidade Eduardo Mondlane: CIEDIMA, 2011.

Recebido em: 01/07/2021

Aceito em: 05/12/2022